

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 15/09/2017 a 21/09/2017

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
15/09/2017	9,68	308,00	34,56	4,49	3,54
18/09/2017	9,67	309,00	34,19	4,43	3,51
19/09/2017	9,65	305,00	34,52	4,43	3,48
20/09/2017	9,70	306,30	34,67	4,49	3,50
21/09/2017	9,70	309,00	34,10	4,52	3,50
Média	9,68	307,46	34,41	4,47	3,51

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	67,65	1,20
RS - Santa Rosa	66,25	0,45
RS – Ijuí	66,25	0,45
PR – Cascavel	65,95	0,84
MT – Rondonópolis	61,70	1,15
MS - Ponta Porá	60,60	1,85
GO - Rio Verde (CIF)	62,10	0,32
BA - Barreiras (CIF)	62,00	0,49
MILHO		
Argentina (FOB)**	149,40	-1,71
Paraguai (FOB)**	105,00	0,00
Paraguai (CIF)**	147,50	0,68
RS – Erechim	31,00	2,99
SC – Chapecó	30,60	4,62
PR – Cascavel	25,20	2,86
PR – Maringá	24,40	3,39
MT – Rondonópolis	18,75	0,00
MS – Dourados	21,70	5,85
SP – Mogiana	25,70	1,58
SP – Campinas (CIF)	29,60	1,02
GO – Goiânia	24,50	0,00
MG – Uberlândia	28,20	2,55
TRIGO (***)		
RS – Carazinho	590,00	0,00
RS – Santa Rosa	590,00	0,00
PR – Maringá	595,00	0,00
PR – Cascavel	610,00	0,00

Período entre 15/09/2017 a 21/09/17

ND = Não Disponível.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras
& Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por
tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 21/09/2017**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,71	60,84	30,63

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
21/09/2017**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	37,46
Feijão (saco 60 Kg)	132,11
Sorgo (saco 60 Kg)	ND
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,29
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,02
Boi gordo (Kg vivo)*	4,71

(*) compreende preços para pagamento em
10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, apesar do relatório do dia 12/09 ter sido baixista, acabaram se estabilizando durante a semana, com leve viés de alta. O fechamento deste dia 21/09 ficou em US\$ 9,70/bushel, contra US\$ 9,67 uma semana antes.

Na prática, além de o mercado, inicialmente, considerar muito otimista o relatório do USDA, igualmente as fortes exportações de soja por parte dos EUA e a seca em diversas regiões brasileiras e argentinas estão impactando o mercado.

Quanto às exportações, as mesmas, na semana anterior atingiram mais de 1,6 milhão de toneladas, ficando acima do que o mercado esperava. Nesta semana, o volume chegou a 1,2 milhão de toneladas exportadas em alguns dias (as inspeções de exportação, na semana encerrada em 14/09, atingiram a 928.575 toneladas, acumulando no atual ano comercial, iniciado dia 01/09, um total de 2,04 milhões de toneladas, contra 1,91 milhão em igual momento do ano anterior) . Ao mesmo tempo, o petróleo subiu em Nova York (em função dos efeitos dos furacões que atingem o Caribe e o sul dos EUA) e o dólar perdeu força no mercado externo, favorecendo as vendas da soja. No entanto, nota-se que os motivos desta certa firmeza em Chicago são muito conjunturais. Logo o mercado começará a sofrer as consequências da colheita da safra estadunidense.

Neste último caso, aliás, até o dia 17/09 a área colhida nos EUA chegava a 4%, estando praticamente dentro da média. E as primeiras produtividades indicam bons números, com um dos principais estados produtores (IOWA) apontando produtividade acima de 78 sacos/hectare. Obviamente esta média deverá recuar, porém, tudo indica que a safra estadunidense possa mesmo ultrapassar as 120 milhões de toneladas, confirmando o quadro apontado pelo USDA e desmobilizando as apostas mais pessimistas do mercado (cf. Safras & Mercado). Tal situação, caso se confirme durante as próximas semanas tende a puxar para baixo as cotações em Chicago. Porém, há muitas contradições a respeito da produtividade média estadunidense, com parte do mercado ainda considerando que a mesma será menor do que a registrada no ano de 2016. Porém, em termos de volume final não se pode esquecer que a área semeada cresceu 7% neste ano.

Dito isso, igualmente até o dia 17/09 as condições das lavouras nos EUA eram de 59% entre boas a excelentes, 12% entre ruins e muito ruins e 29% regulares.

Em termos técnicos, o mercado está atento à chamada média móvel de 200 dias em Chicago, hoje em US\$ 9,79/bushel para novembro. Segundo a AgResources o mercado deve tentar quebrar esta média, porém, somente obterá êxito com alguma confirmação de produção menor da soja estadunidense no curto-prazo.

Enfim, muita atenção daqui em diante ao comportamento climático na América do Sul e especialmente no Brasil, onde há tendência de continuidade na falta de chuvas no Centro-Oeste, Sudeste e partes do Sul do país.

No Brasil, nada de grandes modificações no cenário. Os preços internos continuaram pouco atrativos e os negócios limitam-se a volumes pouco expressivos na medida em que o câmbio também não vem ajudando (R\$ 3,13 por dólar em parte desta semana).

Com isso, o fechamento da semana, na média do balcão gaúcho, ficou em R\$ 60,84/saco, enquanto os lotes permaneceram entre R\$ 65,00 e R\$ 66,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 55,50/saco em Sorriso (MT) e R\$ 68,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 58,50 em Chapadão do Sul e São Gabriel (MS); R\$ 62,00 em Pedro Afonso (TO); R\$ 64,00 em Uruçuí (PI) e R\$ 59,00/saco em Goiatuba (GO).

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 31/08/2017 a 21/09/2017.

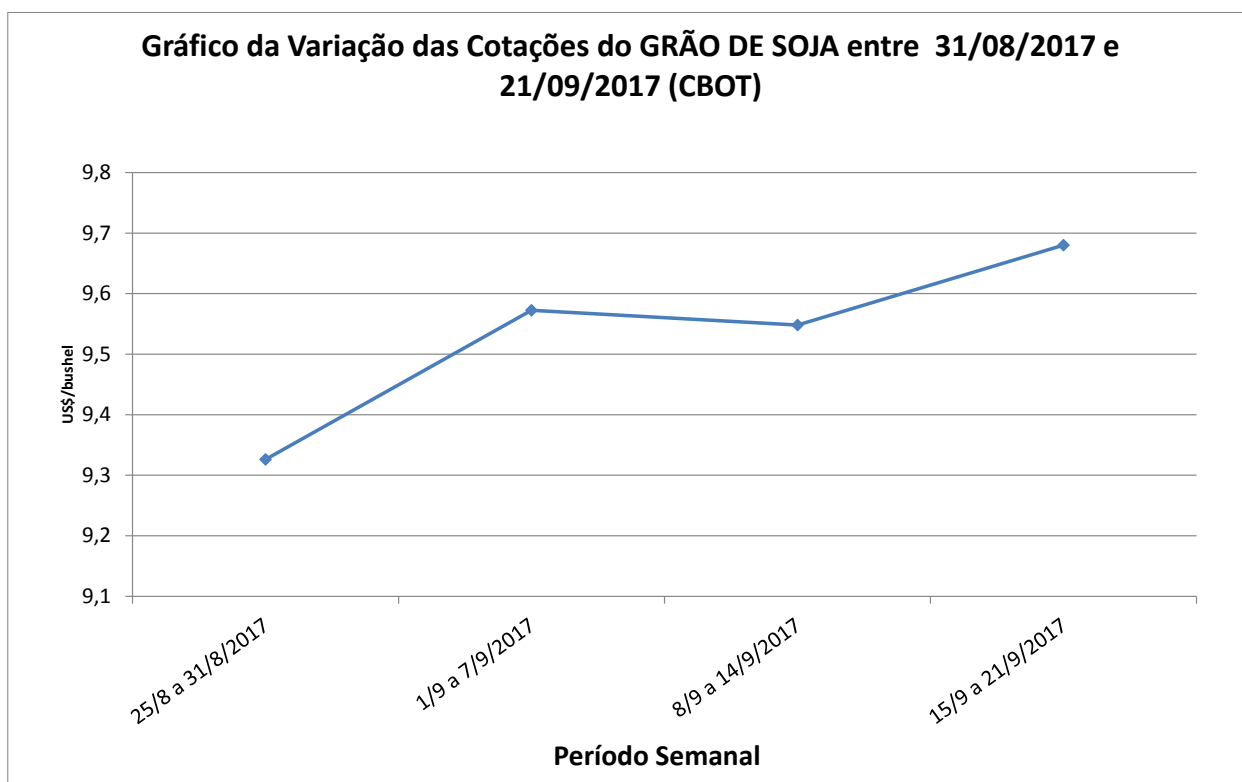


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 31/08 e 21/09/2017 (CBOT)

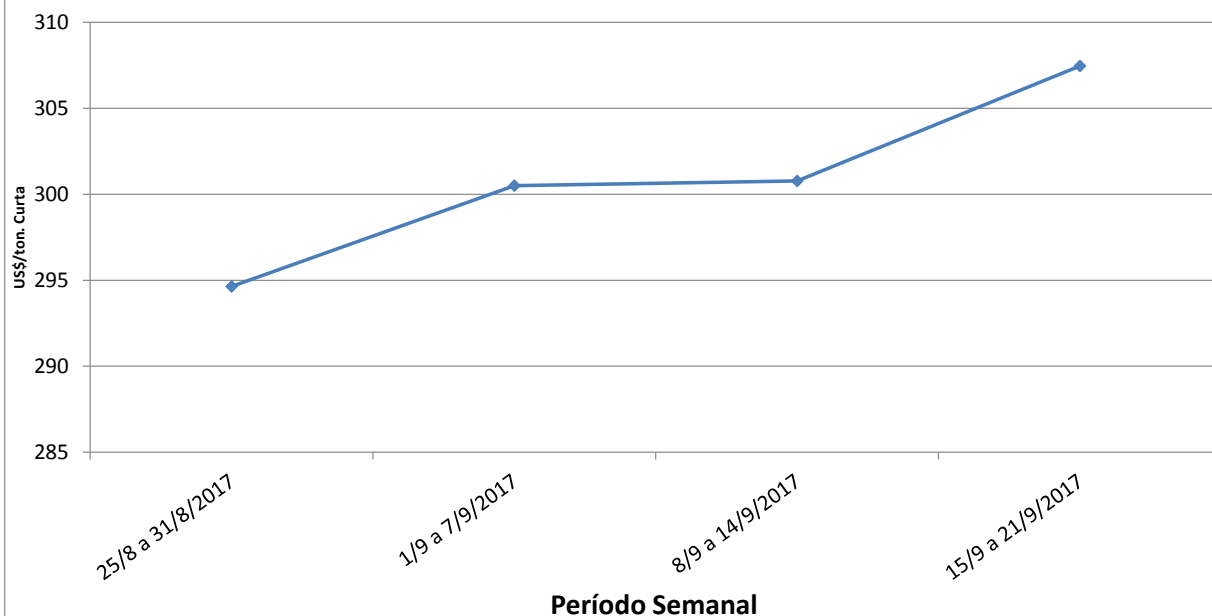
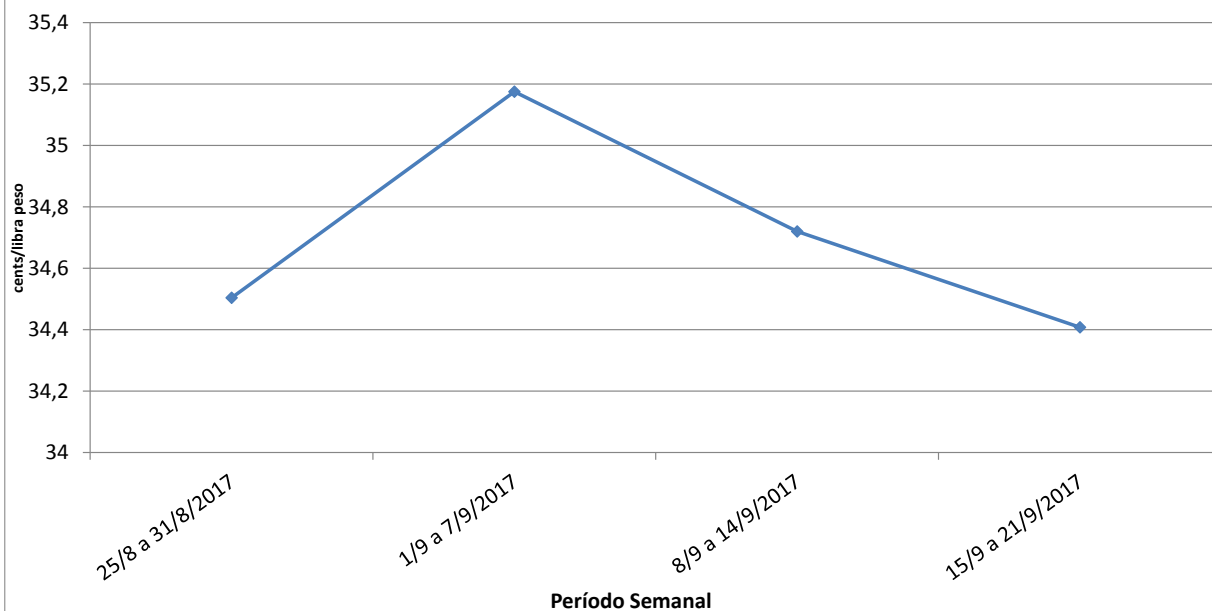


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 31/08 e 21/09/2017 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

As cotações do milho subiram um pouco durante a semana, fechando a quinta-feira (21) em US\$ 3,50/bushel, após US\$ 3,41 uma semana antes.

A colheita está avançando nos EUA e isto deverá fazer pressão baixista logo mais em Chicago, além da projeção de uma safra um pouco maior do que o inicialmente projetado. Entretanto, as pequenas altas registradas se devem igualmente às boas vendas líquidas de milho por parte dos EUA nestes últimos dias. Tais vendas, para 2017/18, atingiram a 1,05 milhão de toneladas na semana encerrada em 07/09, sendo o México o principal comprador com 433.400 toneladas. Outro elemento que começa a ser levado em conta é a falta de chuvas em grande parte das regiões produtoras do Brasil e da Argentina nestes últimos tempos, fato que pode comprometer a futura safra de verão do cereal, na medida em que o plantio da mesma começa a ficar prejudicado no Brasil.

Em termos de colheita estadunidense, até o dia 17/09 a mesma atingia a 7% da área, contra 11% na média histórica para esta época do ano. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras que restam colher estavam em 61% entre boas a excelentes na mesma data, 26% regulares e 13% entre ruins a muito ruins, repetindo a situação da semana anterior.

A título de informação complementar, o México anunciou que sua safra de milho deverá somar 26 milhões de toneladas em 2017/18, contra 27,6 milhões anteriormente estimado. Tal recuo se deve à menor área semeada, a qual ficou em 7,45 milhões de hectares neste ano. Diante disso, as importações mexicanas serão maiores, devendo atingir a 15,5 milhões de toneladas no corrente ano comercial, contra 14,2 milhões no ano anterior (cf. Safras & Mercado).

Na Argentina, a tonelada FOB fechou a semana em US\$ 149,00, enquanto no Paraguai a mesma se manteve em US\$ 105,00.

Já no Brasil os preços se mantiveram estáveis, ainda com viés de leve alta, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 23,71/saco, enquanto os lotes atingiram a R\$ 30,00/saco na maioria das praças. Nas demais regiões brasileiras os lotes fecharam a semana entre R\$ 14,50/saco em Sapezal e Sorriso (MT) e R\$ 30,50/saco em Videira, Concórdia, Chapecó e Campos Novos (SC).

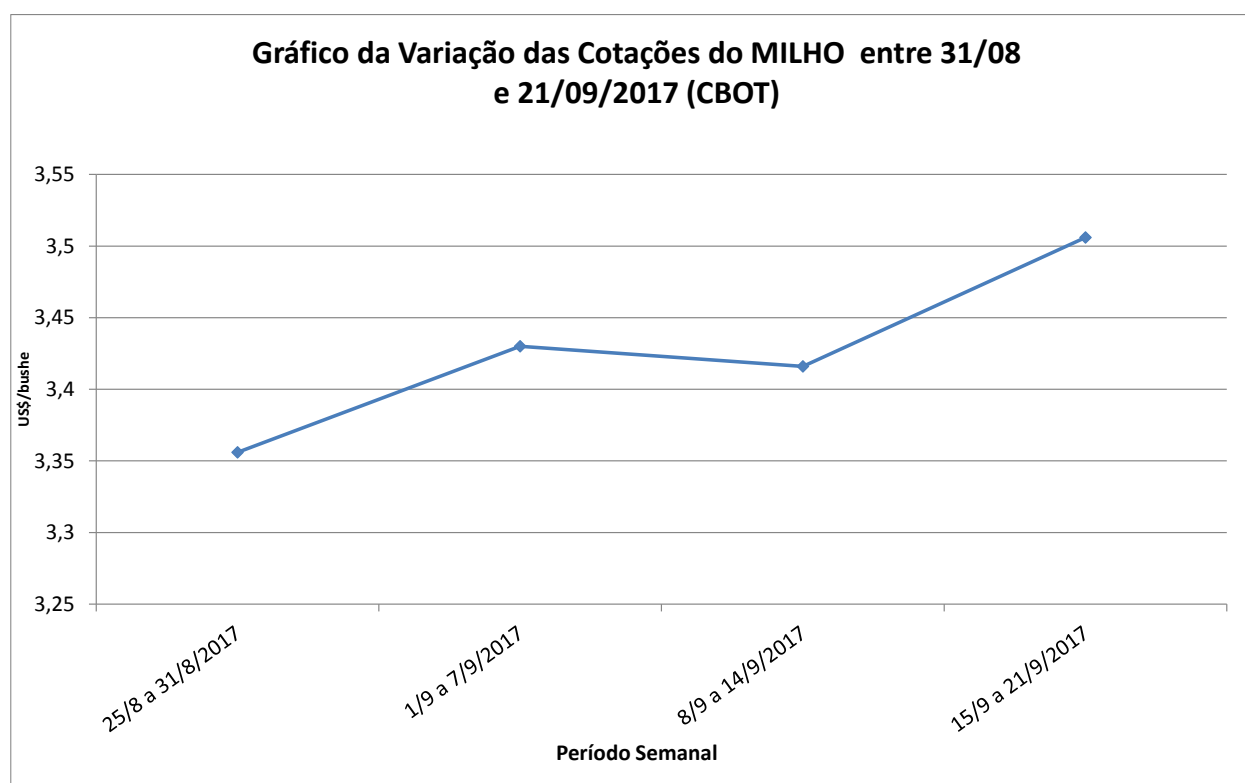
O viés de alta vem do fato de que os produtores, os paulistas em especial, ainda estão retendo parte da produção da safrinha visando preços mais elevados. Os consumidores, mais curtos em estoques, encontram dificuldades em se abastecer diante de tal estratégia. Ao mesmo, no porto os preços subiram para R\$ 31,00/saco, tornando menos competitiva a exportação, especialmente diante de um câmbio que se mantém entre R\$ 3,10 e R\$ 3,15 por dólar. Nestas condições, o porto de Santos (SP) terminou a semana com preços menores, ao redor de R\$ 29,00/saco no disponível, enquanto Paranaguá (PR) registrou R\$ 28,00/saco. No interior paulista o referencial Campinas subiu para R\$ 31,00/saco CIF disponível. Para prazos mais longos de pagamento o valor chegou a bater em R\$ 32,00/saco CIF (cf. Safras & Mercado).

O clima no Centro-Sul brasileiro assume agora um caráter decisivo já que a falta de chuvas em grande parte da região está atrasando o plantio. Em algumas regiões as chuvas não chegam há mais de 60 dias. Por enquanto, isto ainda não refletiu-se em altas maiores nos preços porque ainda há importante disponibilidade do milho safrinha, embora os poucos negócios realizados nos últimos tempos.

Assim, o mercado reverte, por enquanto, uma tendência de baixa nos preços, ficando na dependência da estratégia dos produtores em vender a safrinha e do comportamento do clima nas regiões produtoras do milho de verão. Este conjunto de fatores resulta em preços mais altos no mercado interno mesmo com um considerável volume de milho safrinha a ser comercializado (cf. Safras & Mercado).

Quanto às exportações, segundo a Secex, nos primeiros 10 dias úteis de setembro o Brasil exportou um total de 2,94 milhões de toneladas a um preço médio de US\$ 155,20/tonelada. Ao câmbio de hoje isso significa algo em torno de R\$ 29,15/saco.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 31/08/2017 a 21/09/2017.



MERCADO DO TRIGO

O bushel de trigo fechou esta quinta-feira (21) em US\$ 4,52, com nítida elevação sobre os US\$ 4,28 registrados uma semana antes e os US\$ 4,12 verificados em 11/09.

O corte nos estoques finais dos EUA, por ocasião do relatório de oferta e demanda anunciado em 12/09, assim como exportações sustentadas seriam os fatores altistas

do momento, além de alguma preocupação com o clima na Austrália e na Argentina, importantes produtores de trigo.

No fundo, há um quadro fortemente especulativo que eleva a cotação do trigo na esteira das altas da soja e do milho, embora não haja fundamentos importantes para sustentar tais cotações do cereal. Dito isso, o atual valor do bushel é o mais elevado deste a segunda semana de agosto.

No Brasil, os preços ficaram estáveis, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 30,63/saco, enquanto os lotes permaneceram em R\$ 34,80/saco. No Paraná, os lotes oscilam entre R\$ 35,40 e R\$ 37,20/saco dependendo da região, enquanto o balcão ficou entre R\$ 33,50 e R\$ 35,00/saco. Em Santa Catarina, os lotes se mantiveram em R\$ 36,00/saco, enquanto o balcão girou entre R\$ 33,00 e R\$ 36,00/saco.

No Rio Grande do Sul, as chuvas do final de semana anterior melhoraram a aparência das lavouras, porém, o quadro geral é de que há perdas irreversíveis na medida em que as espigas são pequenas e com grãos mal formados em muitas lavouras. Na região das Missões há muitos registros oficiais de perdas por parte dos produtores locais.

Já no Paraná as lavouras voltaram a piorar suas condições, com apenas 35% em situação boa, contra 47% uma semana antes. As lavouras regulares ficaram em 34% e as ruins passaram a 24% do total. A piora se deve ao quadro de forte seca que se abate sobre grande parte da região produtora paranaense. Por sua vez, a colheita do Paraná atingiu a 46% da área no início desta semana.

Portanto, o ponto central no mercado tritícola brasileiro é a qualidade e quantidade que se está colhendo no Paraná, assim como a tendência não muito diferente que se apresenta para o Rio Grande do Sul. Em outras palavras, vai se confirmando um quadro de quebra importante em volume e qualidade, em relação as expectativas iniciais.

Com isso, os preços tendem a baixar, salvo para o produto de qualidade superior, que será mais raro neste ano. Todavia, este sofre a concorrência do produto procedente dos vizinhos países do Mercosul, em especial a Argentina e o Paraguai, embora os mesmos também estejam com alguns problemas climáticos. Entretanto, o câmbio no Brasil continua muito favorável às importações, fato que segura os preços locais. Sendo assim, parece difícil uma recuperação dos preços do cereal para além dos atuais valores, salvo uma forte desvalorização do Real que venha a encarecer sobremaneira as importações.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 31/08/2017 a 21/09/2017.

**Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 31/08 e
21/09/2017 (CBOT)**

